



REGINA MACHADO

O menino e o vento



Ilustrações de
CHRIS MAZZOTTA



Copyright do texto © 2015 by Regina Machado
Copyright das ilustrações © 2015 by Chris Mazzotta

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Preparação
BEATRIZ ANTUNES

Revisão
THAÍS TOTINO RICHTER
VIVIANE T. MENDES

Tratamento de imagem
M GALLEG0 • STUDIO DE ARTES GRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Regina
O menino e o vento / Regina Machado ; ilustrações
de Chris Mazzotta. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letrinhas, 2015.

ISBN 978-85-7406-660-8

I. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Mazzotta, Chris.
II. Título

15-09083

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantil 028.5
2. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

2015

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br



Ele foi dormir como fazia todas as noites, mas dessa vez era diferente.

Esse ele de quem estou falando era um menino que tinha oito anos, ou melhor, quase oito anos, e aquele era o quase mais importante da sua vida.

Desde pequenininho, ele via o pai sair pra areia fria da madrugada, bem antes de o sol nascer, empurrando seu barco até as águas quietas do mar em frente de casa. Ia sozinho, longe, longe, pescar os peixes que, no final do dia, ia vender no mercado do povoado onde eles moravam.

Quantas vezes o meninozinho havia pedido pra ir junto, louco de vontade de chegar naquele lugar onde o mar encontra o céu.

Ele imaginava o pai jogando a rede, os peixes pulando para dentro dela e tudo mais que poderia acontecer na imensidão daquilo que ele não sabia o que era.

O pai sempre dizia:

— Meu filho, quando você fizer oito anos eu levo você pra pescar comigo.

O menino tinha escutado isso milhões de vezes e acabava ficando na beira da praia, chateado, olhando seu pai e o barco sumirem no meio do mar, o dia chegando sem novidades.

Só que agora era sua última noite dos sete anos. Deitado na cama, olho pregado no teto, quem disse que ele conseguia dormir? Dentro de poucas horas iria acordar já com oito anos. E como o pai havia prometido, ele iria se despedir da mãe, dar um beijo no rosto dela com a maior alegria do mundo:

Até mais tarde, mãe, vou pescar com o pai, até que enfim vou sair no barco com ele, ajudar em tudo. Nossa, nem acredito!

Assim ele pensava, sonhando acordado. Virava de um lado, virava do outro, puxava o lençol, arrumava o travesseiro, fechava os olhos, abria de novo. Parecia a noite anterior do primeiro dia de aula do ano, só que não era.

E não é que de repente ele sentiu um vento, primeiro um ventinho leve, *zuiiiim*, como se tivesse entrado nele vindo sei lá de onde. O vento ia passando pelo seu corpo, *zuim, zuim*, remexendo dos pés à cabeça, *zuim, zuuuuiiiiiimmmmm*.

“Será o quê, isso?”, ele pensou.

E já sentado na cama, o vento agora zunia nas suas ideias:

“E se eu fosse agora pro mar?”.

Outro pensamento dizia pra ele esperar, o quase estava quase acabando, já, já o pai iria chamá-lo pra pescaria. E veio ventando uma vontade:



“Esperar pra quê? Posso pegar o barco e ir sozinho, antes do meu pai acordar”.

A ventania dentro dele espalhou ideias para todo lado.

“Sozinho é muito mais legal. Eu sei remar, já vi tantos pescadores, já vi nos filmes, já sonhei que estava em alto-mar jogando a rede. Bom, nem preciso pescar. Posso ir remando um tanto, depois volto pra encontrar meu pai. Não aguento mais esperar. Ainda está escuro, ninguém vai notar, aí é só o resto da noite indo embora, o dia chegando pouquinho a pouquinho, e eu no mar — só eu e o barco, bom demais”.

E o vento dentro dele ventava tanto que nem deu pra ele perceber direito:
que já estava levantando,
vestindo a bermuda e a camisa,
calçando os chinelos,
passando a mão no boné
e saindo de casa sem fazer nenhum barulho.



Na areia da praia, no friozinho do ar da quase manhã, o coração batia tanto que ele até escutava, toda sua atenção voltada pra virar o barco que parecia chamar por ele, o rastro molhado sumindo nas primeiras ondas, ele dentro do barco rumando ofegante pro horizonte, com oito anos já.

Parecia que o vento dentro do menino dava mais força pros seus braços, remando cada vez mais rápido, equilibrando o barco na água, diante dele o silêncio grandão, desconhecido.

Quando ele estava bem longe da terra, mudo de contentamento, reparou nas cores rosadas do dia nascendo, no barulhinho dos remos cortando o mar calmo, não sentiu mais nenhum vento no seu corpo.



Ali ele ficou, cheio de maravilha, parado, feliz com sua façanha. O barco ondulando de leve e ele sentindo aquela alegria toda, como um rei. Deitou no barco pra pensar. Rei do quê, será que ele era? Ele não sabia.



Foi dando uma moleza, um sono, ele fechou os olhos, pronto. Dali a pouco ele estava dormindo bem.

Uma hora o menino tinha que acordar, pra história poder seguir seu rumo. Foi quando ele piscou uma porção de vezes, se espreguiçou bem espichado e sentou. Demorou um tempo pra ele lembrar como tinha ido parar ali, que não estava sonhando, que já tinha oito anos e tudo que já contei até aqui. Ele levou tipo um susto, que é o que costuma acontecer quando a gente faz uma coisa num repente, sem explicação.

Pensando bem, achou melhor voltar pra casa, imaginou a bronca que ia levar do pai, já devia ser tarde, o sol estava bem quente.

Pegou os remos e só então percebeu que estava muito longe. Vai ver que, enquanto ele dormia, o barco tinha sido levado a uma grande distância mar adentro. Em que direção ele tinha que remar? Pra onde olhasse, só havia água e mais água, nem sinal da praia, nada.

Mas não é que sem mais nem menos deu um vento? Outro vento. Que dessa vez não era dentro dele. Um vento ventania tão forte que encrespou o mar, as ondas se formando altas, o barco jogado pra todos os lados. O menino começou a remar sem saber pra onde, não adiantava, ali não tinha jeito. Deitou agarrado no fundo do barco e esperou. Quantas vezes esse barco subiu no alto de uma onda gigante pra cair outra vez e ser levado de novo pra cima e ficar cheio de água e de espuma, ele não saberia dizer, o medo era grande demais pra caber em palavras.

Depois de um tempão, tudo ficou calmo de novo.

O menino viu o que parecia ser uma ilha ainda bem longe de onde ele estava. Ele remou o mais rápido que pôde naquela direção, a terra foi aparecendo, agora dava até



pra ver a praia e uma floresta de árvores enormes, como um muro verde, rodeando toda a ilha.

Quando o barco fincou na areia o menino estava pra lá de exausto. Mas ele queria ver o que havia naquela floresta, precisava encontrar água, que sede horrível ele tinha!

Não foi nada fácil caminhar naquele sol superquente, mesmo de chinelos a areia queimava seus pés, a roupa grudada no corpo, até o ar que ele respirava era insuportável de calorento. Assim que atravessou a primeira fileira de árvores sentiu um alívio muito grande. Estava fresquinho lá dentro da mata, tudo muito quieto, muito bonito.

Ele já tinha entrado muitas vezes numa floresta perto de sua casa, mas aquela era uma tristeza. Árvores cortadas ou queimadas, lixo pra todo canto. O pessoal que vinha passar o fim de semana na praia sempre ia lá, os turistas gostavam de fazer piquenique, mas depois largavam todos os restos pelo chão, uma porcaria. Não tinha ninguém que cuidasse daquela mata, o menino não sabia por quê.

Mas a floresta de agora era muito diferente. Cada vez mais maravilhado, ele ia andando e prestando atenção em tudo que cabia nos seus olhos. (“E também nos meus ouvidos”, acaba de me segredar o menino, “não esquece de falar isso.”)

Ele nunca tinha visto aquela enorme variedade de plantas, elas se misturavam, seus verdes e tamanhos e formas de folhas, mas não parecia uma bagunça. Tudo combinava: cipós, esconderijos, teias de aranha, florezinhas miúdas, samambaias, galhos caídos, cheiro de terra úmida, a passarinhada piando de variadas lonjuras, até pica-pau ele achou que tinha visto.

O menino se esgueirou pelos entres da natureza e bebeu água num riachinho. Ainda bem, matou a sede todinha!

Uma hora até sentiu como se estivesse dentro de uma orquestra colorida e cheirosa, que tocava uma música doce. Foi então assobiando pra conversar com os passarinhos, correu pulando os ramos que se trançavam pelo chão, de vez em quando parava e fechava os olhos só pra admirar a mata dentro dele.

E assim ele foi indo sem ter a menor ideia de pra onde, até que apareceu bem na frente dele um caminho. Tipo uma trilha, que o menino seguiu até dar de cara com um portão de ferro alto e velho, onde podia ver os restos de uma pintura que tinha sido vermelha. Os muros estavam cobertos por uma plantinha miudinha, de um verde quase azul.

O menino não teve nenhuma dificuldade pra abrir o portão, que estava destrancado. Do outro lado havia um pátio e logo depois uma escadaria de degraus brancos não muito limpos. No alto da escadaria ficava um castelo, que também parecia bem velho, as paredes tinham buracos, ervas daninhas subiam pelas janelas.

Faltou contar uma coisa mais que ele viu: num canto do pátio tinha um cavalo amarelo.

Depois de dar uma olhada geral pra todos os lados, o menino falou:

— Nossa, não tem ninguém aqui pra me dizer que lugar é esse.

Foi então que ele ouviu uma voz bem redonda e rouca:

— Como não tem ninguém? E eu por acaso não sou alguém?

— Quem foi que falou? — perguntou o menino olhando bem em todas as direções.

— Eu, quem mais poderia ser, ora essa?

— Mas não estou vendo você!

— Presta atenção. Tem certeza que está sozinho aqui?



— Tenho, claro, o pátio está vazio, só eu e um cavalo amarelo, por sinal muito engraçado, eu nunca tinha visto um dessa cor.

— Muito prazer, “engraçado” é a vovozinha!

O menino encarou o cavalo:

— Não é possível! Cavalo não fala.

— Pois pode ir acreditando. Eu falo e ainda por cima estou conversando com você, e você está me entendendo!

O menino chegou bem perto do cavalo amarelo:

— Pode me dizer, então, que lugar é este e como você sabe falar? Por acaso é um cavalo encantado?

— Não sou encantado e nenhum dos meus amigos que mora aqui é encantado. Aqui é o castelo dos cavalos coloridos. Moramos neste lugar já faz muito tempo e estamos presos.

— Presos? Por quê?

— Uma coisa de cada vez. Se eu contar tudo agora a história acaba, e não tem a menor graça. E pra falar a verdade eu nem sei muita coisa sobre esse assunto. Que tal você entrar, tomar um banho e depois comer alguma coisa? É só subir a escadaria e um dos meus amigos vai receber você no salão principal.

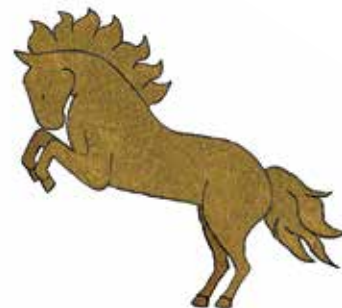
O menino concordou e, assim que chegou lá no alto, abriu uma grande porta de madeira com desenhos geométricos entalhados. Um cavalo azul-escuro — isso mesmo! — deu as boas-vindas.

— Vou acompanhar você até o quarto de hóspedes, no segundo andar. Estou feliz em ver você, aqui nunca apareceu ninguém.

O cavalo azul-escuro tinha uma voz meio fanhosa e piscava sem parar. Ele falava de um jeito muito manso e acolhedor, parecia ser bem jovem pelo modo como subia as escadas, de dois em dois degraus.

Lá no quarto, a primeira coisa que ele viu foi uma cama bem, bem grandona. Outro cavalo, dessa vez vermelho, o esperava do lado de dentro. Com uma voz superalegre, mostrou ao menino um armário com várias roupas pra ele escolher, a toalha de banho novinha, o xampu, o sabonete e o banheiro. Tinha uma banheira redonda já com água quentinha e um janelão atrás, um pouco enferrujado.

O cavalo vermelho falava muito, demais até. De vez em quando dava umas risadas



espalhafatosas e rolava os olhos pra cima. O menino aproveitou uma pausa que o cavalo deu pra respirar, pediu licença, correu pro banheiro e fechou a porta atrás de si.

Que delícia aquele banho! Se não fosse a vontade de perguntar mais, ele teria ficado um tempão naquela banheira.

Quando saiu, já com as roupas limpas que tinha escolhido, o cavalo vermelho estava esperando no quarto, de óculos, lendo um livro.

— Gostou do banho? Então pode descer até a cozinha pra comer. Meu amigo, o cavalo verde é o nosso cozinheiro, já preparou umas deliciazinhas pra você. Tomara que goste. Me desculpe se não vou com você, é que estou numa parte muito legal deste livro, não consigo parar de ler.

O cavalo vermelho mostrou a capa ao menino. O título era: *AS LAGARTIXAS AZUIS NUNCA MORREM*.

— Você já leu? Você conhece este livro?

— Não — respondeu o menino, tentando imaginar o que o cavalo vermelho via de tão interessante naquelas páginas. (Mas vamos deixar esse assunto de lado, afinal, essa história tomaria o rumo das lagartixas, o que foge totalmente ao nosso propósito.)

Descendo as escadas, o menino foi achando cada vez mais graça naquilo tudo.

Lá embaixo, seguiu o cheiro da comida e logo achou a cozinha. Com a fome que estava, foi direto pra mesa, posta com muita fartura: havia sanduíches, frutas e geleias, café com leite, iogurte, omelete, mel. Ele nem notou o cavalo verde de avental à beira do fogão.

— *Cof, cof!* — tossiu o cavalo. — Bom dia, menino!

— Ops! Bom dia! Não me leve a mal, faz tempo que eu não como.

— Tudo bem, pode se servir à vontade!

O menino ia comendo e perguntando como era possível que um cavalo soubesse cozinhar, onde ele tinha aprendido, quando tinha chegado no castelo. O cavalo não respondia, limitava-se a abanar a cauda e enxugar o suor da testa, já que fazia um calorão naquela cozinha. E esse cavalo era bem mais gordo do que os outros, pançudo mesmo.

— Agora não é hora de falar, aproveita pra saborear essa comida que preparei e depois a gente conversa.

Nem bem o menino acabou de comer, começou outra vez a perguntar:

— Olha — disse o cavalo verde ainda sem responder nada, — hoje à noite vamos nos reunir no salão principal, e você vai conhecer todo mundo. Agora, que tal descansar um pouco? A sua cama é a mais macia de todas. Mais tarde a gente se vê.

A voz do cavalo verde era muito firme e além disso o menino estava mesmo cansado.

Foi cair na cama, e num segundo estava dormindo feito uma pedra. Quando acordou, quase deu um grito de susto: ao lado da cama, um cavalo negro, alto e imponente, com um chapéu branco que tinha três plumas coloridas, aguardava de olhos fechados.

“Então não foi um sonho, estou mesmo no castelo dos cavalos coloridos”, pensou o menino.

— E você quem é? — perguntou ao cavalo sem falar nada do chapéu, que ele tinha achado um pouco ridículo.

— Estou aqui pra levar você lá embaixo, onde nos encontraremos com os outros — disse o cavalo negro.

Era a voz mais impressionante, grave e calma que o menino já tinha escutado. Parecia voz de rei, ou como ele achava que devia ser a voz de um rei.

O menino pulou da cama:

— Sim, comandante, escuto e obedeco! — falou rindo, cheio de vontade de saber em que loucura tinha se metido sua história.

Também achou um pouco estranho ter chamado de comandante um cavalo que nunca tinha visto mais gordo, mas foi a palavra que saiu da sua boca e pronto.

Lá no salão, o que ele viu foi uma festa de aniversário decorada com balões, bolo com velinhas, docinhos e salgadinhos de todos os tipos. Isso tudo bem, afinal, ele estava fazendo oito anos naquele dia. Mas...

Em volta da mesa havia um cavalo amarelo, outro azul-escuro, um vermelho, outro verde, um negro, um cor de burro quando foge e um branco, todos cantando parabéns pra ele. Difícil acreditar numa coisa dessas. Só que era isso mesmo que estava acontecendo, então o menino agradeceu e depois eles comeram e beberam até não poder mais.

Foi quando o cavalo branco falou com sua voz de todas as cores:

— Você precisa nos ajudar, menino! Estamos presos aqui e agora você também está. Nós só vamos conseguir sair deste castelo quando o portão de ferro da entrada desaparecer.





O cavalo branco mexia a cabeça e olhava pra cima, como se estivesse procurando as palavras, que saíam bem mastigadinhas da sua boca pequena:

— É que um velho maluco (se fosse só maluco não teria problema, mas ele era feiticeiro também) um dia chegou no reino em que eu e meus amigos vivíamos e jogou sobre nós um pó grosso e malcheiroso enquanto pronunciava umas palavras esquisitíssimas, sem nenhum sentido para nós. Num instante fomos transportados para este castelo e acordamos aqui. Quisemos atravessar o portão e fugir, mas foi impossível. Parecia que uma parede invisível nos impedia de sair. A partir de então fomos aprendendo a viver aqui dentro, cada um de nós fazendo um trabalho diferente. Fomos aprendendo a morar aqui, mas nunca desistimos de encontrar um meio de ir embora.

Foi a vez de o cavalo cor de burro quando foge falar com sua voz fininha:

— Eu sou encarregado de arrumar tudo, estante, armário, saquinhos de sementes pra horta, espanar os livros da biblioteca, regar as plantas do jardim. A louça da cozinha não, porque a gente faz rodízio, cada dia da semana um de nós lava tudo. Um dia, arrumando, achei uma caixa bem amarrada com barbante onde estava escrito: SEGREDO SECRETÍSSIMO.

Nesse ponto ele fez uma pausa, pensou um pouco e tomou um gole de água, depois seguiu contando:

— Abrimos a caixa todos juntos. Encontramos uns papéis com fórmulas mágicas, números enormes, tipo 9888874445376540009762, frases que pareciam códigos, outras que deviam estar escritas ao contrário, mapas de lugares desconhecidos. A gente não tinha a menor ideia do que era aquilo.

— Eu, que sempre gostei de decifrar enigmas — disse o cavalo branco —, fui estudando dia após dia aqueles papéis, sempre com a ajuda do cavalo negro, que também adora mistérios. A gente se reunia de noite, cada um dava o palpite que tinha, até que descobrimos algumas coisas. Primeiro, que esse velho adora histórias. Segundo, que havia um livro na biblioteca em que, na primeira página, estava escrito com letra de mão e tinta vermelha: SEGREDO PRINCIPALMENTE SECRETÍSSIMO. Era um livro com contos de cavalos. Terceiro, que o velho deixou um bilhete no fim do livro dizendo: “não adianta contar os contos deste livro. Eles não vão ajudar vocês a sair do castelo. O portão não é bobo”. Quarto, que dentro da caixa havia uma frase codificada que dizia: “Contem histórias de cavalos”.

— E vocês contaram? — perguntou o menino.

— Várias vezes. Contamos histórias que cada um de nós conhecia, não as do livro, é claro! O portão nunca sequer se mexeu.

— E se, pra dar certo, fosse preciso contar pra um ser humano, tipo eu?

Silêncio completo que durou uns bons minutos. Os cavalos olhando uns para os outros com ar de “como não pensamos nisso antes?”.

— Como não pensaram nisso antes? — perguntou o menino.

— Mas é que antes você não estava aqui — a voz do cavalo amarelo se misturou com o súbito alarido das outras vozes. — E se você não estava aqui, não tínhamos pra quem contar.

— Só pensamos nisso agora que você está aqui — o cavalo verde riu.

— E, pensando bem, por que não? — indagou o cavalo azul-escuro.

— O quê?

— Uma ideia!

— Como?

— Justo agora?

— Isso!

O menino gritou, com a voz mais alta que a de todo mundo:

— Ei, ei, ei! Então não vamos perder tempo!

Os cavalos pararam com aquele atropelamento de palavras.

— Quem me conta a primeira história?

O cavalo verde respirou fundo:

— Vou contar a história que escutei do meu pai quando eu ainda era um potrinho:

